

A HORA DA VERDADE

ALVO PREFERENCIAL
GRUPO MONITOROU MORAES E
TINHA DATA PARA CAPTURÁ-LODIMITRIS DANTAS, PATRIK CAMPONEZ E SARAH TEÓFILO
publicados em 9 de fevereiro de 2024

A Polícia Federal identificou um núcleo no entorno do presidente Jair Bolsonaro que monitorou os passos do ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal (STF), com o objetivo de prendê-lo caso a tentativa de golpe de Estado fosse consumada. De acordo com a investigação, o grupo de "inteligência paralela" era formado pelo ex-ministro Augusto Heleno (Gabinete de Segurança Institucional), o tenente-coronel Mauro Cid, ex-ajudante de ordens do então presidente, e o coronel da reserva Marcelo Câmara, ex-assessor de Bolsonaro.

O inquérito mostra que Câmara, preso ontem, tinha acesso a informações sobre deslocamentos e viagens de Moraes. Em mensagens enviadas a Cid, o militar traça um roteiro de viagens do ministro entre São Paulo e Brasília, em dezembro, em um período de 15 dias. Os agentes da PF conferiram o itinerário feito por Moraes nas mesmas datas, e as informações coincidiram, o que "demonstra o acesso privilegiado", de acordo com a Polícia Federal.

No dia 24 de dezembro de 2022, véspera de Natal, por exemplo, uma conversa entre os investigados mostra que eles sabiam que Moraes iria a Brasília no dia 31 de dezembro, para participar da posse do presidente Luiz Inácio Lula da Silva no dia seguinte.

As circunstâncias identificadas evidenciam ações de vigilância e monitoramento em níveis avançados, o que pode significar a utilização de equi-



Arapongagem. Grupo alvo da PF tinha o itinerário de viagens de Moraes entre São Paulo e Brasília

DIÁLOGOS EXPÕEM
ARAPONGAGEM A MAGISTRADO

EXPOSIÇÃO DE PROVAS

pamentos tecnológicos fora do alcance legal das autoridades de controle", diz o relatório da PF. "A investigação constatou que os deslocamentos entre Brasília e São Paulo do ministro Alexandre de Moraes são coincidentes com os da pessoa que estava sendo monitorada e acompanhada pelo grupo", frisa outro trecho do documento.

Moraes era identificado pelo grupo por meio do codinome "professora". O monitoramento, de acordo com a investigação, ocorreu na mesma época em que Bolsonaro se reuniu com aliados e atuou na redação de uma minuta golpista, que previa uma ruptura constitucional e a prisão de Moraes, que também é presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE).

"Considerando que a minuta do decreto que declarava o golpe de Estado previa a prisão do ministro Alexandre de Moraes, o acompanhamento e monitoramento da autoridade — inclusive durante o Natal (24/12/2022) — demonstra que o grupo criminoso tinha intenções reais de consumar a subversão do regime democrático, procedendo a eventual captura e detenção do Chefe do Poder Judiciário Eleitoral", acrescenta a Polícia Federal.

Moraes era um dos principais alvos do grupo por estar à frente de investigações que trazem incômodo a Bolsonaro e aliados. Na visão do ex-presidente e interlocutores, o magistrado atuou para prejudicá-lo eleitoralmente.

De acordo com a apuração, a prisão tinha data para acontecer: 18 de dezembro de 2022. Os investigados tinham a informação de que Moraes estaria em São Paulo no dia e só voltaria a Brasília no dia 19.

"Nesse sentido, a autoridade policial narra que, no planejamento operacional, a prisão deste relator seria executada no dia 18/12/2022, em sua residência em São Paulo", diz trecho da decisão de Moraes que autorizou a operação desta quinta-feira.

"JÁ ESPERAVA"

Em entrevista ao GLOBO no mês passado sobre os ataques de 8 de Janeiro, Moraes revelou ter sido informado sobre a existência de três planos contra ele, que envolviam até homicídio. Um dos objetivos era enforcá-lo na Praça dos Três Poderes.

— Houve uma tentativa de planejamento. Inclusive, e há outro inquérito que investiga isso, com participação da Abin, que monitorava os meus passos para quando houvesse necessidade de realizar essa prisão. Tirando um exagero ou outro, era algo que eu já esperava. Não poderia esperar de golpistas criminosos que não tivessem pretendendo algo nesse sentido. Mantive a tranquilidade. Tenho muito processo para perder tempo com isso. E nada disso ocorreu, então está tudo bem — narrou Moraes.

Falta de 'bala de prata' para expor sistema gerou frustração

Diálogos de Mauro Cid com aliados de Bolsonaro mostram ausência de comprovação de possíveis falhas nas urnas eletrônicas

Investigações da Polícia Federal (PF) que miraram no ex-presidente Jair Bolsonaro e em alguns de seus principais auxiliares identificaram que o grupo, apesar de diversas investidas para tentar encontrar falhas nas urnas eletrônicas de votação, não conseguiram comprovar qualquer irregularidade no sistema eleitoral. O inquérito que tramita no Supremo Tribunal Federal (STF) mostra que a ausência de uma "bala de prata", como disse o então ajudante de ordens do Planalto, tenente Mauro Cid, frustrou os investigados.

Uma troca de mensagens entre Cid e apoiadores do ex-presidente revela a bus-

ca incessante por um elemento que explicasse uma vulnerabilidade das urnas. Nos diálogos, Cid cita que estava recebendo um "cara de TI, hacker" com supostas informações sobre problemas nas urnas, mas que não conseguiam provar as alegações.

"Só que aí tudo bem: como é que o cara mudou isso aí? Quem mudou isso aí? Como que ele mudou isso aí? Como ele entrou? É isso que a gente não tem!", diz Cid ao tenente-coronel Hélio Ferreira Lima.

Em outro áudio enviado por Cid, ele afirma que "99,9% das coisas até agora você consegue refutar", indicando a dificuldade de encontrar qualquer evidência concreta de fraude,

mantenta tranquilizar o aliado afirmando que o grupo tinha infiltrados em diversos órgãos. "A gente tem cara infiltrado em tudo quanto é lugar monitorando e passando para gente informações, refutando ou ajudando a instigar, né, digamos assim".

RECEIO DE PRISÃO

Cid, em outro trecho, afirma que ele era um dos mais interessados em encontrar alguma "bala de prata", indicando a busca por alguma prova que ajudasse na alegação de fraude nas eleições.

"É por isso que a gente tá ouvindo todo mundo, mas todo mundo. Inclusive, tudo que você me mandou já tinha chegado por outros meios. E di-

as, três pessoas trazendo a mesma informação", afirmou Cid na mensagem.

Conforme publicou o blog da colunista do GLOBO, Malu Gaspar, durante a busca por provas contra as urnas eletrônicas, Cid chegou a manifestar o medo de ser preso pelo seu envolvimento na estratégia bolsonarista de disseminar informações falsas contra o sistema eleitoral. Para a PF, a desinformação sobre as urnas foi elemento "essencial" para a conspiração golpista.

Ainda de acordo com informações de Malu Gaspar, o receio de acabar na prisão foi relatado pelo próprio Cid em diálogo com o major do Exército Sérgio Ricardo Cavaliere de Medeiros por meio de um aplicativo de mensagens. O major foi um dos alvos da Operação Tempus Veritatis da Polícia Federal.

A conversa, segundo os investigadores, ocorreu no contexto da maquiagem da narrativa de uma fraude eleitoral "fictícia". De acordo com os registros da PF, o diálogo ocorreu no dia 4 de outubro de 2022, entre o primeiro e o segundo turno das eleições presidenciais.

(Dimitris Dantas, Patrik Camponez, Daniel Gullino, Paula Serra, Eduardo Gonçalves, Sarah Teófilo e Mariana Muniz)



Busca por provas. Cid revelou em diálogos dificuldade de comprovar fraudes

Exército manda voltar ao Brasil coronel que teria apoiado extremistas diante de quartéis

Correa Neto faz curso no Colégio Interamericano de Defesa, em Washington

O Exército determinará o retorno ao Brasil do coronel Bernardo Romão Correa Neto, alvo de pedido de prisão na operação deflagrada ontem pela Polícia Federal. A informação é da colunista Bela Megale, do GLOBO.

Correa Neto está em Washington, nos Estados

Unidos, fazendo um curso no Colégio Interamericano de Defesa, A força aguarda a comunicação formal da Polícia Federal para que ele se apresente em solo brasileiro.

A cúpula do Exército foi informada na noite de quarta-feira de que havia ações da PF em áreas de

controle militar em Goiânia e em Manaus, mas sem conhecimento dos alvos. O aviso foi feito porque as Forças Armadas precisam acompanhar ações em locais sob sua responsabilidade.

Correa Neto é investigado por suspeita de empregar técnicas militares para

direcionar as manifestações nas portas dos quartéis e nos atos golpistas de 8 de janeiro.

O coronel é apontado pela PF como o organizador de uma reunião de oficiais das Forças Especiais do Exército para discutir a trama golpista em 28 de novembro de 2022, quase um mês após o segundo turno das eleições presidenciais.

Na época, Correa Neto era assistente do Comando Militar do Sul e apontado como homem de confiança de Mauro Cid, ex-ajudante de ordens de Jair Bolsonaro.

A Polícia Federal con-

cluiu que houve "um planejamento minucioso" de integrantes das Forças Especiais, os chamados kids pretos, para a execução de um golpe de Estado que visava impedir a posse do presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Segundo os investigadores, a reunião de novembro de 2022 foi feita com oficiais especializados em ações contra terrorismo, insurgência e guerrilha, e envolveu o pagamento para o custeio de "hotel, alimentação e material". No encontro, ainda de acordo com a PF, foram dadas

"orientações" de locais onde deveriam ser realizadas manifestações.

Caberia ainda aos kids pretos realizar prisões de autoridades após a edição de um decreto de intervenção militar. Entre os alvos estaria o ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Alexandre de Moraes, que chegou a ser monitorado pelos investigados.

Os detalhes do plano foram relatados em mensagens encontradas no celular do tenente-coronel Mauro Cid, que fechou colaboração premiada com a Polícia Federal.